fábricas que com isso beneficiavam, enquanto caíam na miséria muitas pessoas, como os trabalhadores quase sem direitos. Desta experiência, o comunismo tirava a conclusão de que existe uma irreconciliável oposição entre o trabalho e o capital, que tinha de ser resolvida através de uma luta de classes. A Igreja, pelo contrário, empenhava-se por um equilíbrio justo entre os trabalhadores e os senhores das fábricas. [2421]

A Igreja empenhava-se em que, não apenas alguns, mas todos fossem beneficiados pelo bem-estar, recentemente possibilitado pela industrialização e pela concorrência. Por isso, ela apoiou a criação de sindicatos e lutou por que os trabalhadores, com a ajuda das leis e das garantias do Estado, fossem protegidos da exploração e, juntamente com as suas famílias, tivessem seguros de saúde e de outras necessidades.

440 *Devem os cristãos ocupar-se da política e da sociedade?*

É uma missão especial dos cristãos → LEIGOS empenhar-se na política, na sociedade e na economia com espírito do Evangelho, do amor, da verdade e da justiça. Para tal, a → DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA oferece-lhes uma clara orientação. [2442]

As actividades político-partidárias não são compatíveis com o serviço dos bispos, dos → PRESBÍTEROS e dos membros de ordens e congregações religiosas. Estes devem estar abertos a todos.

441 *Que diz a Igreja sobre a democracia?*

A Igreja apoia a democracia porque é, de entre os sistemas políticos, o que melhores condições oferece para a realização da igualdade perante a lei e dos direitos humanos. Para isso, no entanto, a democracia tem de ser mais que um mero domínio da maioria. Uma verdadeira democracia só é possível num Estado de direito que reconhece os direitos fundamentais de todos e os defende, em caso de necessidade, mesmo contra a vontade da maioria. [1922]

Compete sobretudo aos fiéis leigos formados na escola do evangelho intervir directamente na acção social e política.

BENTO XVI, *Verbum Domini*, n.º 101

Não pode haver capital sem trabalho, nem trabalho sem capital.

LEÃO XIII, *Rerum novarum*, n.º 9 (1891)

É conveniente salientar o papel preponderante que incumbe aos leigos, homens e mulheres... A eles compete animar, com espírito cristão, as realidades temporais, e testemunhar, nesse campo, que são colaboradores da paz e da justiça.

JOÃO PAULO II, *Sollicitudo rei socialis*, n.º 47

A História ensina que nem a democracia oferece uma absoluta protecção das violações da dignidade e dos direitos humanos. Ela corre sempre o risco de se tornar uma ditadura da maioria sobre uma minoria. A democracia vive de pressupostos que nem ela mesma consegue garantir. Por isso, especialmente os cristãos devem observar se não são soterrados os valores sem os quais uma democracia não subsiste.

442 *Como avalia a Igreja o capitalismo e a economia de mercado?*

Um capitalismo que não esteja assente num ordenamento jurídico seguro corre o risco de se desligar do → Bem comum e de se tornar um simples instrumento da ganância de alguns indivíduos. A Igreja rejeita isso decididamente. Pelo contrário, ela apoia uma economia de mercado que esteja ao serviço do ser humano, impedindo os monopólios e garantindo o sustento de todos com bens essenciais e trabalho. [2426]

A → Doutrina Social da Igreja avalia todas as instituições sociais pela forma como servem o → Bem comum, isto é, como proporcionam «o conjunto das condições de vida social que permitem aos indivíduos, famílias e associações alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição» (*Gaudium et spes*, n.º 74). Isto também é válido para a economia, que acima de tudo deve estar ao serviço do ser humano.

443 *Qual é a missão dos gestores e empresários?*

Os gestores e os empresários esforçam-se pelo sucesso financeiro da sua empresa. Ao lado dos seus legítimos interesses (em que se incluem os lucros), eles devem considerar a sua responsabilidade social: respeitar os justos anseios dos trabalhadores, fornecedores e clientes, assim como da sociedade em geral e do ambiente. [2432]

> Uma democracia sem valores converte-se facilmente num totalitarismo aberto ou dissimulado, como a história demonstra.
>
> João Paulo II, *Centesimus annus*, n.º 46

> Um capitalismo sem humanidade, solidariedade e justiça não tem moral nem mesmo futuro.
>
> Cardeal Reinhard Marx

> A angariação dos recursos, os financiamentos, a produção, o consumo e todas as outras fases do ciclo económico têm inevitavelmente implicações morais.
>
> Bento XVI, *Caritas in veritate*, n.º 37

> A economia precisa da ética, a ética da caridade, a caridade da verdade.
>
> Cardeal José Saraiva Martins

O trabalho é um bem do ser humano – é um bem da sua humanidade – porque, mediante o trabalho, o ser humano não somente transforma a natureza, adaptando-a às suas próprias necessidades, mas também se realiza a si mesmo como ser humano e até, num certo sentido, «se torna mais humano».

João Paulo II, *Laborem exercens*, n.º 9

444 *O que diz a Doutrina Social da Igreja sobre o trabalho e o desemprego?*

O trabalho é uma tarefa confiada por Deus ao ser humano. Nós devemos, num esforço comum, guardar e continuar a Sua obra criadora: «O Senhor Deus tomou o ser humano e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e guardar.» (Gn 2,15) Para a maioria das pessoas, o trabalho é a base da sua vida. O desemprego é uma grande desgraça e deve ser resolutamente combatida.

Enquanto hoje muitos desejariam trabalhar mas não encontram emprego, existem pessoas tão viciadas no trabalho que, de tanto fazer, não têm tempo para Deus e para os outros. E enquanto muitas pessoas quase não conseguem obter alimento para si e para as suas famílias, outras há que ganham tanto, que podem ter uma vida de luxo inimaginável. O trabalho não é um fim em si mesmo, mas deve servir a realização de uma sociedade humana digna. A → Doutrina Social da Igreja empenha-se, portanto, por uma ordem económica em que todas as pessoas interajam activamente e possam participar na criação do bem-estar. Ela luta por salários justos, que possibilitem a todos uma existência humana digna, e exorta os ricos às virtudes da moderação e da partilha solidária. → 47, 332

445 *O que significa o princípio "o trabalho antes do capital"?*

A Igreja sempre ensinou «o princípio da prioridade do trabalho em relação ao capital» (João Paulo II, *Laborens exercens*, n.º 12). O ser humano detém como "coisas" o dinheiro e o capital. O trabalho, pelo contrário, não pode ser separado da pessoa que o executa. Por isso, as necessidades elementares dos trabalhadores têm precedência relativamente aos interesses capitalistas.

Também os detentores do capital e os investidores têm legítimos interesses, que devem ser protegidos. Porém, é uma injustiça grave quando os empresários e os investidores procuram aumentar os seus lucros à custa dos direitos elementares dos seus trabalhadores e empregados.

> E tudo aquilo que está contido no conceito de "capital", num sentido estrito do termo, é somente um conjunto de coisas. Ao passo que o ser humano, como sujeito do trabalho, independentemente do trabalho que faz, ele, o ser humano, e só ele, é uma pessoa.
>
> João Paulo II, *Laborens exercens*, n.º 12

446 *O que diz a Igreja sobre a globalização?*

Em primeiro lugar, a globalização não é boa nem má, mas a descrição de uma realidade que deve ser moldada. «Nascido no âmbito dos países economicamente desenvolvidos, este processo causou, pela sua própria natureza, um envolvimento de todas as economias. Foi o motor principal para a saída de regiões inteiras do subdesenvolvimento e, por si mesmo, constitui uma grande oportunidade. Contudo, sem a orientação da caridade na verdade, este ímpeto mundial pode concorrer para surgirem perigos até agora desconhecidos e novas divisões na família humana.» (Bento XVI, *Caritas in veritate*, n.º 33)

Quando compramos uns jeans baratos, não nos deveria ser indiferente em que condições eles foram produzidos, se os trabalhadores receberam ou não um salário justo. É importante a felicidade de todos. Não devemos ficar alheios às dificuldades dos outros. Ao nível da política, é necessária «uma autoridade internacional política autêntica» (Bento XVI, *Caritas in veritate*, n.º 67), que trabalhe para que se chegue a um equilíbrio entre as pessoas dos países ricos e as dos países

> É consternador ver uma globalização que dificulta cada vez mais as condições de vida dos pobres, que em nada contribui para resolver a fome, a pobreza e o desequilíbrio social, e que espezinha o ambiente. Estes aspectos da globalização podem levar a contrárias reacções extremas, como o nacionalismo, o fanatismo religioso e até o terrorismo.
>
> João Paulo II, 2003

subdesenvolvidos. São ainda muitos os excluídos das vantagens da globalização económica; na maioria dos casos, eles só têm de carregar com os fardos.

447 *Porventura a globalização é uma tarefa exclusiva da política e da economia?*

Antes, havia a ideia de uma partilha de tarefas: a economia devia ocupar-se do aumento da riqueza e a política devia trabalhar na sua justa distribuição. Na era da globalização, porém, os lucros são globalmente obtidos, enquanto a política continua cingida às fronteiras dos Estados. Por isso, é necessário hoje não apenas um fortalecimento das instituições políticas internacionais, mas também a iniciativa dos indivíduos e dos grupos sociais que, devido ao espírito da solidariedade e do amor, e não sobretudo pela expectativa do lucro, são economicamente activos nas regiões mais pobres do mundo. Ao lado do mercado e do Estado, é necessária uma sociedade fortemente civilizada.

No mercado, são permutados produtos e serviços equivalentes. Em muitas regiões deste mundo, no entanto, as pessoas são tão pobres que não podem oferecer nada para permutar, permanecendo, assim, cada vez mais dependentes. São necessárias, portanto, iniciativas económicas determinadas não pela «lógica da troca», mas pela «lógica do dom sem contrapartida» (Bento XVI, *Caritas in veritate*, n.º 37). Aqui não se trata simplesmente de dar esmolas aos pobres, mas de lhes abrir caminhos para uma liberdade económica, no sentido de uma "ajuda para a auto-ajuda". Existem, neste âmbito, algumas iniciativas cristãs, como o projecto "Economia na Comunhão" do Movimento dos Focolares, com mais de 750 empresas por todo o mundo. Há também "empresas sociais" não cristãs (*social entrepreneurs*), que, embora estejam orientadas para o lucro, trabalham no espírito de uma "cultura do dom" e com o objectivo de mitigar a pobreza e a exclusão.

> A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. A razão humana, por si só, é capaz de ver a igualdade entre as pessoas e estabelecer uma convivência cívica entre elas, mas não consegue fundar a fraternidade.
>
> Bento XVI, *Caritas in veritate*, n.º 19

> A economia globalizada parece privilegiar a primeira lógica, ou seja, a da transacção contratual, mas directa ou indirectamente dá provas de necessitar também das outras duas: a lógica política e a lógica do dom sem contrapartida.
>
> Bento XVI, *Caritas in veritate*, n.º 37

> A "economia em comunhão" surgiu para um dia podermos dar este exemplo: num povo em que não há necessitados, também não há pobres.
>
> Clara Lubich (1920-2008, fundadora dos Focolares)

448 *Serão a pobreza e o subdesenvolvimento um destino inevitável?*

Deus confiou-nos uma terra rica, que oferecesse a todas as pessoas alimento suficiente e espaço para viver. Porém, há regiões, países e continentes inteiros nos quais muitas pessoas nem o mais básico têm para poderem viver. Esta fragmentação do mundo tem origens históricas complexas, mas não é irreversível. Os países ricos têm o dever moral de ajudar os países subdesenvolvidos a sair da pobreza, através de ajudas ao desenvolvimento e da criação de condições justas para a economia e o comércio.

No nosso mundo, vivem 1,4 biliões de pessoas que têm de viver diariamente com menos de 1 euro. Sofrem a carência de alimentos e, com frequência, também de água potável; muitas vezes,

> Os povos da fome dirigem-se hoje, de modo dramático, aos povos da opulência. A Igreja estremece perante este grito de angústia e convida cada um a responder com amor ao apelo do seu irmão.
>
> PAULO VI, *Populorum progressio*, n.º 3

Não deixar os pobres participarem dos nossos bens significa roubá-los e tirar-lhes a vida. Não são os nossos bens que possuímos, mas os deles.

São João Crisóstomo

não têm acesso à educação e aos cuidados de saúde. Estima-se que diariamente morram mais de 25 000 pessoas de subnutrição; muitas delas são crianças.

449 *Que significado têm os pobres para os cristãos?*

O amor aos pobres tem de ser, em todos os tempos, o distintivo dos cristãos. Não se trata apenas de lhes dar algumas esmolas; os pobres têm direito à justiça. Além do mais, os cristãos têm o dever de partilhar os seus bens. Cristo é o modelo do amor aos pobres. [2443-2446]

Pois é dando,
que se recebe.
É perdoando,
que se é perdoado
E é morrendo, que se
vive para a vida eterna!

Oração do Movimento Franciscano, França, 1913

«Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus!» (Mt 5,3) Esta é a primeira frase de Jesus no Sermão da Montanha. Existe pobreza material, psíquica, intelectual e espiritual. Os cristãos devem acolher os necessitados deste mundo com grande atenção, amor e eficácia. Em nenhum ponto, de facto, eles serão tão claramente apreciados como na forma como trataram os pobres: «Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes.» (Mt 25,40) → 427

450 *Quais são as obras de misericórdia corporais?*

As obras de misericórdia corporais são: 1.º – Dar de comer a quem fome. 2.º – Dar de beber a quem tem sede. 3.º Vestir os nus. 4.º – Dar pousada aos peregrinos. 5.º – Assistir aos enfermos. 6.º – Visitar os presos. 7.º – Enterrar os mortos.

451 *Quais são as obras de misericórdia espirituais?*

As obras de misericórdia espirituais são: 1.º – Dar bom conselho. 2.º – Ensinar os ignorantes. 3.º – Corrigir os que erram. 4.º – Consolar os tristes. 5.º – Perdoar as injúrias. 6.º – Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo. 7.º – Rogar a Deus pelos vivos e defuntos.

OITAVO MANDAMENTO
Não darás falso testemunho contra o teu próximo!

452 *O que exige de nós o oitavo Mandamento?*

O oitavo Mandamento ensina-nos a não mentir. Mentir significa falar ou agir consciente e voluntariamente contra a verdade. Quem mente engana-se a si mesmo e ilude os outros, os quais têm o direito a conhecer a verdade integral de um facto. [2464, 2467-2468, 2483, 2485-2486]

A mentira atenta contra a justiça e o amor. A mentira é uma forma de violência; ela coloca, numa comunhão, a semente da divisão e soterra a confiança, sobre a qual assenta a comunhão humana.

453 *Que tem a ver com Deus a nossa relação com a verdade?*

Viver no respeito pela verdade não significa apenas ser fiel a si mesmo. Ser verdadeiro significa, numa consideração mais exacta, ser fiel a Deus, pois Ele é a fonte de toda a Verdade. Em Jesus encontramos rapidamente a verdade sobre Deus e sobre toda a realidade, porque Ele é «o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14,6). [2465-2470, 2505]

Dá aos pobres e ficarás rico.
Provérbio árabe

Quando vinham candidatas à sua congregação religiosa, Madre Teresa tomava-as frequentemente à parte, abria a sua mão direita, para voltar a dobrar os cinco dedos, um após o outro. Para cada dedo, ela dizia uma das palavras: «Tu a Mim o fizeste!» – as cinco palavras de Jesus em Mt 25,40. Estas palavras e este pequeno hábito eram e são, para as irmãs, a grande ajuda na sua batalha contra a miséria e a repugnância, no serviço aos doentes e aos moribundos.

Não sei bem como será o Céu, mas sei que, quando morrermos, será tempo de Deus nos julgar. Então, Ele não nos perguntará: «Quantas coisas boas fizeste na tua vida?» Ele perguntar-nos-á antes: «Com quanto amor fizeste aquilo que fizeste?»
Beata Madre Teresa

Se dissermos que estamos em comunhão com Ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a Verdade.

1Jo 1,6

É necessário abandonar a vida de outrora e pôr de parte o homem velho, corrompido por desejos enganadores. [...] Por isso, deixai a mentira e falai cada um a verdade ao seu próximo.

Ef 4,22.25

MÁRTIR
(gr. *martyria* = testemunho)
Um mártir cristão é uma pessoa disposta a sofrer a violência, ou mesmo a deixar-se matar, por causa de Cristo, que é a Verdade, ou por causa de uma decisão de consciência tomada a partir da fé. Isto é precisamente o oposto dos muçulmanos que cometem atentados suicidas: eles exercem violência em si e nos outros a partir de convicções de fé erroneamente inferidas, sendo por essa razão venerados como "mártires" por alguns islamitas.

Quem realmente segue Jesus traz à sua vida uma sinceridade cada vez maior. Ele extingue, das suas realizações, toda a mentira, falsidade, dissimulação e ambiguidade, e torna-se transparente à Verdade. Crer significa tornar-se testemunha da Verdade.

454 *Em que medida a verdade da fé compromete?*

Cada cristão deve dar testemunho da Verdade, seguindo Cristo, que disse a Pilatos: «Para isso nasci e vim ao mundo, a fim de dar testemunho da Verdade.» (Jo 18,37) [2472-2474]

Isto pode até significar que um cristão dê a sua vida por fidelidade à verdade e por amor a Deus e aos outros. Chama-se "martírio" (→ MÁRTIR) a esta valente forma de compromisso pela verdade.

455 *O que significa ser verdadeiro?*

Ser verdadeiro significa agir seriamente e falar honestamente. Quem é verdadeiro protege-se da ambiguidade, do fingimento, da ilusão e da dissimulação manhosa. A pior forma de mentira é o → JURAMENTO FALSO. [2468, 2476]

Um grande mal em todas as colectividades consiste em caluniar as outras pessoas e/ou difundir o que foi ouvido: A diz "confidencialmente" a B o nocivo que C disse sobre D.

456 *O que se deve fazer quando se mente, se engana ou se burla?*

Qualquer falta contra a verdade e a justiça exige uma reparação, mesmo que tenha sido perdoada. [2487]

Quando uma pessoa não pode reparar publicamente uma mentira ou um testemunho falso, deve fazer o que puder, pelo menos discretamente. Não podendo reparar ao afectado os danos provocados, está por consciência obrigada a realizar uma reparação moral, isto é, a dar-lhe o seu melhor, para lhe proporcionar, no mínimo, uma simbólica compensação.

457 *Por que razão a verdade exige discrição?*

A transmissão da verdade deve acontecer prudentemente e assentar no amor. Frequentemente, a verdade é utilizada como arma, agindo destrutivamente, em vez de construir. [2488-2489, 2491]

? JURAMENTO FALSO

Um juramento falso é a corroboração solene de uma afirmação falsa, em que conscientemente se pode fazer de Deus testemunha de uma mentira. Trata-se de um pecado grave.

Quando partilharmos informações, devemos pensar nos "três crivos" do filósofo grego Sócrates: "É verdadeira? É boa? É benéfica?" A → DISCRIÇÃO é também exigida para o segredo profissional; ele deve ser sempre mantido, excepto em casos especiais, rigorosamente justificados. Igualmente se torna culpado quem publicamente revela dados confidenciais, fornecidos sob o selo do sigilo. Tudo o que se diz deve ser verdadeiro; mas nem tudo o que é verdadeiro deve ser dito.

458 *Quão secreto é o segredo de confissão?*

O segredo de confissão é sagrado. Por nenhum motivo, mesmo muito grave, deve ser violado. [2490]

Nem um crime gravíssimo o → SACERDOTE deve denunciar. Porém, ele pode negar a absolvição se o penitente não se quiser apresentar à polícia. Mesmo torturado, nem os pecadinhos de uma criança o sacerdote pode revelar.
→ 238

"Deve dizer-se sempre a verdade, porque, de repente, perdem-se da memória as muitas mentiras.

KONRAD ADENAUER (1876--1967, primeiro chanceler federal alemão)

? DISCRIÇÃO

(lat. *discernere* = discernir)

É a capacidade de discernir "quando", "a quem" e "o que" se deve dizer.

MEDIA OU MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

São aqueles meios que se dirigem não apenas a alguns indivíduos, mas a toda a sociedade humana, influenciando-a poderosamente: jornais, revistas, cinema, rádio, televisão, Internet, etc.

A beleza é o reflexo da Verdade.

São Tomás de Aquino

459 *Que responsabilidade ética se exige nos meios de comunicação social?*

No âmbito dos *media*, os produtores têm uma responsabilidade relativamente aos utilizadores. Acima de tudo, devem informar com toda a verdade. Tanto as investigações dos factos como a sua divulgação devem atender aos direitos e à dignidade do ser humano. [2493-2499]

Os meios de comunicação social devem contribuir para a edificação de um mundo justo, livre e solidário. Não raramente, os *media* são efectivamente instituídos como armas de discussão ideológica, ou, satisfazendo a vontade das audiências, renunciam a uma orientação ética dos conteúdos, convertendo-se em meios para seduzir as pessoas ou criar dependências nelas.

Fazei a todos a caridade da verdade.

Beato Tiago Alberione (1884-1971, fundador da Família Paulista)

460 *Que perigos se encontram nos* media*?*

Muitas pessoas, especialmente as crianças, consideram real o que vêem nos *media*. Quando, no contexto da diversão, a violência é glorificada, o comportamento anti-social é aprovado e a sexualidade humana é banalizada, pecam tanto os